

**ITINERÁRIO DE EGÉRIA
OU PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA:
PONTOS DE UMA EDIÇÃO CRÍTICA²⁸**

Maria Cristina Martins (UFRGS)
cristinamartins46@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar alguns aspectos que fazem parte de uma edição crítica bilíngue (latim-português) da obra “Peregrinação de Etéria”, também conhecida como “Itinerário de Egéria”. Notadamente, procuramos mostrar os diferentes tipos de notas que fazem parte da nossa edição, ou seja, notas de crítica textual e histórico-literárias, de acordo com a tradição da edótica.

Palavras-chave: Edição Crítica. Peregrinação de Etéria. Itinerário de Egéria.

1. Introdução

O presente artigo advém do trabalho de tradução que culminará na edição crítica bilíngue – latim-português – da obra “Peregrinação de Etéria”, também conhecida como “Itinerário de Egéria”. Esse texto é uma das mais antigas narrativas de viagem aos Lugares Santos da Palestina, que teria se realizado entre 381-384, pelo que nos revelam as pesquisas, já que o documento nos chegou incompleto: faltam-lhe o começo, o fim e duas folhas internas. O texto não apresenta, igualmente, nome da autora, a data da viagem e de onde a autora partiu. Tudo isso nos foi revelado através da tradição indireta. Desde a sua descoberta pelo filólogo italiano Gamurrini, em 1884, no mosteiro de Monte Cassino, na Itália, a obra tem sido muito estudada, pois é uma das fontes para o entendimento das transformações do latim, que, lentamente, através de séculos, deram origem às línguas românicas. Além disso, por descrever com detalhes os lugares por onde Jesus Cristo passou, bem como as principais personagens e episódios do Antigo Testamento, e de documentar alguns ofícios religiosos realizados naquela época em Jerusalém, também é um documento histórico, religioso e litúrgico.

Na nossa edição crítica, procuramos inserir o que há de essencial

²⁸ Agradeço à CAPES pela bolsa de pós-doutoramento concedida (nº 1250-10-8) para a realização de uma parte desta edição crítica, na Universidade de Paris IV (2010-2011).

nas edições críticas anteriores e na bibliografia especializada, material por nós coletado em uma das etapas do trabalho filológico de crítica textual: a *recensio*. Além da tradução, feita em justaposição ao texto latino, há inúmeras notas que fazem parte da nossa edição, as quais surgiram a partir de aspectos levantados na tradução. Algumas esclarecem a escolha de determinada tradução; outras dão informações complementares sobre certa situação histórica ou geográfica, permitindo ao leitor o entendimento mais preciso do contexto; outras, ainda, contêm informações de caráter filológico-lexical e gramatical. As notas de caráter filológico-lexical são necessárias porque certas palavras não podem ser traduzidas diretamente pelas palavras que delas derivam, por evolução fonética. As notas de caráter gramatical comentam partes da gramática, esclarecendo a sintaxe, a fonética, a morfologia, a semântica ou algum uso lexical quando forem peculiares ao texto, sempre tomando como parâmetros de comparação o latim clássico, de um lado, e as línguas românicas, de outro. Por fim, há notas de crítica textual que mostram as divergências na interpretação de certos itens lexicais pelos editores-filólogos e as lições por eles propostas, além do nosso julgamento a respeito de tais divergências, provenientes do confronto das edições críticas com o manuscrito único apócrifo, copiado na escritura beneventana, no século XI.

O trabalho de reconstrução de um texto, total ou parcialmente, assim como a determinação e esclarecimento dos aspectos relevantes do mesmo, é a meta de uma edição crítica. Esta se estende da crítica textual, cujo objeto é o próprio texto, até as questões históricas e literárias. De acordo com Lachmann (1793-1851), a quem devemos a ciência da crítica textual, este método envolve os seguintes passos: *recensio* "recensão", *collatio codicum* "comparação dos códices", *originem detegere* "estemática ou genealogia dos manuscritos" e *emendatio* "correção". Na crítica histórico-literária, ele reconhece os seguintes passos: autenticidade (autoria), datação, fontes, circunstâncias, sorte, unidade e integridade, linguagem do texto, avaliação crítica e exegese. Na edição crítica que desenvolvemos, há notas de rodapé que mostram a variação entre os editores sobre um ponto específico. Além disso, há notas sobre diversos aspectos da língua latina que aparecem no texto, quer dizer, sobre todos os aspectos da gramática que podemos relacionar com as línguas românicas, cujo gérmen de formação já pode ser visto na *Peregrinatio*, embora ainda estejam longe de seu aparecimento.

Prendemos, através da nossa contribuição com a realização de uma nova edição em língua portuguesa, dar um passo além das edições

críticas existentes, sem, no entanto, estabelecer uma concorrência, uma vez que o trabalho que propomos é diferente do que já existe, mesmo em edições de crítica estrangeiras.

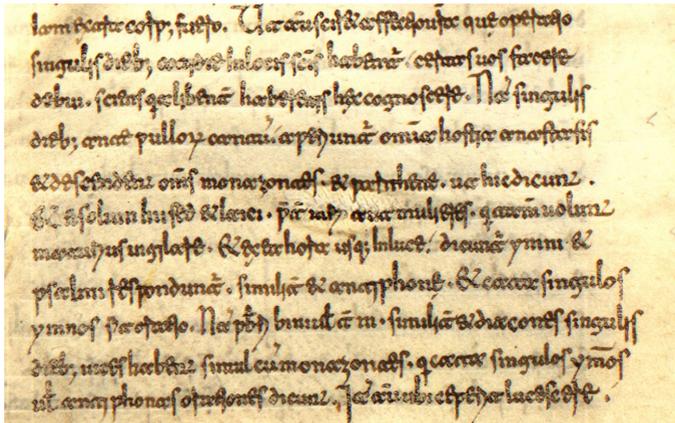
2. As passagens do texto

Sobre a passagem 24, 1-3 abaixo, separada em duas partes, estabelecemos alguns comentários, com as palavras analisadas grafadas em negrito. Mostramos também o texto na escrita beneventana do manuscrito.

2.1. Primeira parte da passagem (Capítulo 24, parágrafos 1-2)

(23, 10 *Iam extra corpus fuero*) 24, 1-2

*Ut autem sciret affectio uestra, quae operatio singulis diebus cotidie in locis sanctis habeatur, certas uos facere debui, sciens quia libenter haberetis haec cognoscere. Nam singulis diebus ante pullorum cantum aperiuntur omnia **hostia Anastasis** et descendunt omnes **monazontes et parthene**, ut hic dicunt, et non solum hii, sed et laici **preter**, viri aut mulieres, qui tamen uolunt maturius uigilare. Et ex ea hora usque in luce dicuntur ymni et psalmi respondentur, similiter et antiphonae: et cata singulos ymnos fit oratio. Nam presbyteri **bini uel terni**, similiter et **diacones**, singulis diebus uices habent simul cum monazontes, qui cata singulos ymnos uel antiphonas orationes dicunt. 2. *Iam autem ubi ceperit lucescere (...)**



Tradução:

Para que de fato Vossa Afeição soubesse que ofícios são realizados nos

lugares santos em cada dia, julguei que deveria vos tornar conhecedoras, sabendo que vós teríeis prazer em conhecê-los. De fato, em cada um dos dias, antes do canto dos galos abrem-se todas as entradas da anástase e descem todos os *monazontes* e *parthenae*, como aqui dizem, não só esses, mas também, além disso, homens e mulheres, que, contudo, querem fazer vigília mais cedo. Dessa hora até o amanhecer, dizem-se hinos e respondem-se salmos, semelhantemente antifonas, e uma oração se faz em cada um dos hinos. Com efeito, os presbíteros, de dois em dois, ou de três em três, e do mesmo modo também os diáconos, têm alternância a cada dia, os quais, juntamente com os monazontes, a cada um dos hinos ou antifonas, dizem orações. Como já começa a amanhecer...

2.1.1. Algumas notas sobre a passagem

2.1.1.1. Hostia

Hostia, tal como está escrito, parece ser a palavra latina que se traduz como “vítima” ou “sacrifício”. Na verdade, trata-se aqui do plural de *ostium* “entrada” ou “porta”, escrito com “h”, num sinal de hipercorreção da autora (ou do copista). Há outras ocorrências desse tipo no texto, tais como *heremi*, plural de *eremus* – deserto. A autora constantemente confunde o uso ou não uso do *h*, o que mostra que este não era mais aspirado em sua época. Inversamente, escreve *abitationes*, por *habitationes*, cuja grafia sem *h* atesta igualmente a perda de sua aspiração, fenômeno que afetou toda a România.

2.1.1.2. Monazontes e parthenae

Monazontes é um empréstimo do grego (*μονάζοντες*), assim como *parthenae* (*παρθένοι*) e *monachus* (*μοναχός*). Além desta ocorrência em 24,1 -, ocorre também em 24,12; 25,2; 25,6; 25,7 referindo-se aos monges de Jerusalém. Em 25, 12 refere-se aos monges de Belém e em 49, 1 aos da Mesopotâmia, Síria, Egito e Tebaida. Não se vê diferença entre *monazontes* e *monachi*, embora aquele se empregue apenas na segunda parte da obra. Essas duas palavras se empregam não só para designar aqueles que vivem na solidão, mas também aqueles que abraçaram uma vida em comum. Na descrição da autora, os monges habitam isoladamente em uma célula no *monasterium*, nos arredores de uma igreja ou de um santuário, cf. 3,4; 4,6; 7,7; 10,9. *Monazontes* pode indicar os dois sexos, enquanto *parthenae*, escrito no texto sem o ditongo- *parthene* (*virgens*) - emprega-se só para designar o sexo feminino.

2.1.1.3. Anastasis

O termo *Anastasis* aparece 97 vezes no texto e é a transcrição do grego \square νάστασις, que corresponde a uma gruta circular, com uma majestosa cúpula cobrindo o túmulo de Cristo. Gamurrini (1887, p. 76, nota 4) diz que se trata da Igreja da Ressurreição ou Igreja do Santo Sepulcro, construída por Constantino em memória de sua mãe, Santa Helena.

2.1.1.4. Praeter

No manuscrito, essa palavra está escrita na forma abreviada da escritura beneventana:

, em que  é *prae* e  é *ter*.

Os editores-filólogos, fazendo uso da *emendatio*, que é a última etapa da crítica textual, definida como «o conjunto das operações que visam a corrigir e reconstruir o texto», propuseram várias correções a essa palavra. É por isso que temos em Gamurrini (1887) *preterea*, Gamurrini (1888) *praeterea*, Pomialovsky *praeterea*.

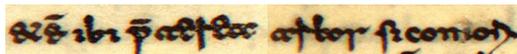
A modificação de *praeter* por *praeterea* foi proposta graças ao uso adverbial de *praeter*. Todavia, não cremos que essa modificação seja necessária. Notamos que várias preposições latinas vieram de advérbios, de sorte que elas puderam naturalmente conservar seu emprego antigo.

Na *Peregrinatio*, encontramos outro exemplo do uso dessa abreviatura em *libenter*  e *praeterea* . No que diz respeito à transcrição de *praeter* e *praeterea*, nas edições críticas consultadas, há uma flutuação entre *preter-praeter* e *preterea-praeterea*, enquanto que, no manuscrito, todas as ocorrências de *praeter* e *praeterea* estão escritas com uma única letra -  -, que significa *prae*.

Seguem-se abaixo alguns exemplos extraídos do manuscrito e sua transcrição nas edições de Gamurrini (1887 e 1888), Heraeus, Prinz, Geyer, Franceschini-Weber, Maraval e Arce:

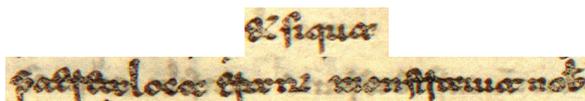
d.1) 8,3:

Et est ibi praeterea arbor sicomori (...) (GAMURRINI, 1887 e 1888) *praeterea*, Geyer *praeterea*, Heraeus *praeterea*, Franceschini-Weber *preterea*, Prinz *praeterea*, Arce *preterea*, Maraval *preterea*).



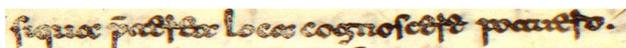
d.2) 19,18:

(...) et si qua praeterea loca erant, monstravit nobis (sc. sanctus episcopus). (GAMURRINI, 1887) *praeterea*, Gamurrini (1888) *praeterea*, Geyer *praeterea*, Heraeus *praeterea*, Franceschini-Weber *preterea*, Prinz *praeterea*, Arce *preterea*, Maraval *preterea*).



d.3) 23,10:

si qua praeterea loca cognoscere potuero (GAMURRINI, 1887) *praeterea*, Gamurrini (1888) *praeterea*, Geyer *praeterea*, Heraeus *praeterea*, Franceschini-Weber *preterea*, Prinz *praeterea*, Arce *preterea*, Maraval *preterea*).



2.1.1.5. Bini uel terni

Bini e *terni* são numerais distributivos em latim, que respondem à pergunta «quantos de cada vez?». Egéria os usa em abundância, especialmente *singulis-a-um*. Os numerais distributivos certamente não pertencem à língua falada, basta verificarmos sua ausência nas línguas românicas. O emprego desses numerais, como muitos outros usos no relato de Egéria, dão ao texto um caráter perfeitamente revelador de seu conhecimento do latim clássico, embora seus contornos mais populares e seus enganos sejam também muito importantes, na medida em que revelam certos fatos que ela não poderia evitar, em particular na sintaxe, que é tipicamente românica. Nas edições críticas consultadas, os editores escolheram traduzir os numerais distributivos pelos cardinais *dois* e *três*. Assim, por exemplo, temos em Arce *dos o tres presbíteros*, em Maraval *deux ou trois prêtres*. Todavia, num esforço de dar uma tradução que seja mais próxima ao latim, poderíamos dizer *de dois em dois* e *de três em três*, pois dessa maneira se guardaria a simultaneidade da substituição dos padres.

2.1.1.6. Diacones

A palavra *diaconus* vem do grego *διάκονος* e significa ‘assistente’, ‘alguém que serve à mesa’ (Jo. 2,5,9). Os cristãos escolhidos pelos apóstolos para servir os pobres da Igreja de Jerusalém (At 6,1-7) foram chamados «diáconos». Logo após, esses diáconos começaram a se dedicar à pregação do evangelho, sendo auxiliares dos bispos junto às jovens comunidades cristãs. Do ponto de vista morfológico, Egéria alterna a declinação dessa palavra entre a segunda e a terceira declinação. Na passagem 24,1 e em 10,3 *faciens iter cum presbytero et diaconibus* a palavra segue a flexão da terceira declinação. Ao contrário, nas passagens 24,6 *Et at ubi diaconus perdixerit omnia quae dicere habeat* e 24,5 *Et diacono dicente* (...) a flexão pertence à segunda declinação.

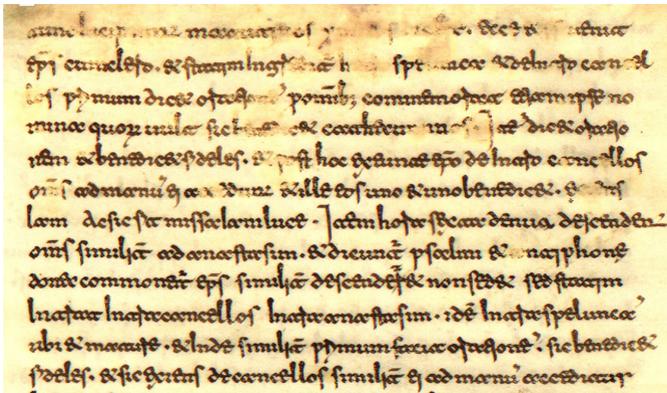
2.2. Segunda parte da passagem (Capítulo 24, parágrafos 2-3)

24,2

(...) *tunc incipiunt matutinos ymnos dicere. Ecce et superuenit episcopus cum clero et statim ingreditur intro spelunca et de intro cancellos primum dicet orationem pro omnibus; commemorat etiam ipse nomina, quorum uult, sic benedictet cathecuminos. Item dicet orationem et benedictet fideles. Et post hoc exeunte episcopo de intro cancellos omnes ad manum ei accedunt, et ille eos uno et uno benedictet exiens iam, ac sic fit missa iam luce.*

24,3

Item hora sexta denuo descendunt omnes similiter ad Anastasim et dicuntur psalmi et antiphonae, donec commonetur episcopus; similiter descendet et non sedet sed statim | intra cancellos intra Anastasim, id est intra speluncam, ubi et mature, et inde similiter primum facit orationem, sic benedictet fideles, et sic exiens de cancellos similiter ei ad manum acceditur.



Tradução:

24,2

(...) começam então a dizer os hinos matutinos. E eis que chega o bispo com o clero e imediatamente entra na gruta e, do lado de dentro das grades, diz primeiramente uma oração por todos; ele mesmo recorda também os nomes daqueles que deseja (lembrar), e assim benze os catecúmenos. Além disso, diz uma oração e benze os fiéis. E depois disto, quando o bispo sai do lado de dentro das grades, todos se aproximam para lhe beijar a mão; e ele benze-os um a um, já saindo, e assim a missa se faz já ao raiar do dia.

24,3

Igualmente, à hora sexta, de novo todos descem semelhantemente à Anástase e dizem-se salmos e antífonas, até que o bispo é anunciado; do mesmo modo ele desce e não senta, mas da mesma forma entra para detrás das grades dentro da Anástase, isto é, dentro da gruta, onde também (ele entrara) bem cedo, e então semelhantemente, primeiro faz uma oração, e assim benze os fiéis, e assim saindo detrás das grades semelhantemente a mão lhe é beijada.

2.2.1.1. Dicere

Dicere, como observaram Löfstedt, Väänänen e Bastiaenensen, é empregado para não importa qual enunciado oral e não está ligado unicamente à *oratio*. Assim, cada declaração no domínio do culto pode ser expressa através de *dicere*: 24,6: *dicet episcopus stans benedictionem*; 24, 4 *dicuntur etiam psalmi*; 24,4 *dicuntur ymni uel antiphonae*; 25,1: *dicuntur predicationes*; 35,4 *lectiones dicuntur*. É impossível saber se, na *Peregrinatio*, *dicere* é usado na declamação dos textos, nos cantos ou em ambos. Löfstedt (2007, p. 326-330) fornece exemplos clássicos de Virgílio e Lucrécio, assim como de outros autores pós-clássicos, onde *dicere* é usado como *canere e loqui*.

2.2.1.2. De intro

Um fenômeno que pertence ao latim vulgar é o reforço de certos advérbios de tempo e de lugar e de certas preposições com a anteposição de uma preposição, sem que o sentido fundamental deles sejam modificados. Tal é o caso de *de intro*, que derivou em português e em espanhol *dentro*, em occitano *dintre*, em italiano *dentro*.

Além desse exemplo, há outros com essa formação na *Peregrinatio*, como *de inter* em (6,1) *ubi iam de inter montes exitur (onde já se sai dentre os montes)* e *de contra* em (5,4) *de contra videbamus summitatem montis (defronte víamos o cume do monte)*. Pelo mesmo processo, muitas

preposições foram criadas nas línguas românicas, as quais são na verdade a aglutinação de duas ou mais preposições latinas, por exemplo, *desde*, que vem de *de ex de*.

Já *de intus* derivou em francês moderno *dans* (em francês antigo *dinz*) e em provençal e catalão *dins*.

2.2.1.3. Missa

A palavra *missa* aparece 72 vezes na *Peregrinatio*. Na maior parte dos casos, é acompanhada do verbo *fieri*, em sintagmas tais como *fit missa*, *fiat missa*, *facta ergo missa* etc. Essa palavra recebeu interpretações diferentes ao longo dos tempos, e é por isso que ela foi traduzida de duas maneiras nas edições críticas consultadas: seja como *despedida* (port., esp.), *renvoi* (fr.), segundo o contexto, seja como *missa*, *cerimônia* (religiosa), *ofício* (religioso).

Missa deve sua origem à forma de saudação pronunciada no final da cerimônia, *Ite, missa est*. Trata-se da substantivação do particípio passado do verbo *mittere*, cujo sentido primeiro é 'enviar'. A palavra foi empregada para significar o envio do sacrifício de Cristo em direção a Deus Pai, cuja renovação se fazia através da cerimônia chamada 'missa', como uma espécie de síntese de toda a celebração. Cremos que este deve ter sido o significado inicial da expressão: *Ite, missa est* = 'Ide (em paz, pois o sacrifício) foi enviado (e recebido por Deus)'. Assim, temos o ponto de partida para a compreensão do uso do verbo *mittere*.

É somente mais tarde que *missa* adquire o sentido da expressão de 'envio', no sentido de 'adeus', 'despedida', exatamente porque é pronunciada ao final da cerimônia, e essa interpretação é adquirida através do espírito popular. *Mittere* em latim raramente tem o sentido de 'despedir-se', mas é próximo de 'enviar'. Em relação às coisas que eram enviadas, acreditamos que se refiram às cerimônias da missa, inclusive a eucaristia, mesmo quando ela não é mencionada na passagem em questão.

A partir do que vimos dizendo em relação à nossa interpretação da palavra *missa*, é lógico que não estamos de acordo com as traduções, propostas pelos seguintes editores-filólogos, da passagem 24,2: *despedida* em português e espanhol, (Mariano & Nascimento e Arce), *envoi* em francês (Maraval), *dismissal* em inglês (Duchesme), *comiat* em catalão (Janeras), *congedo* em italiano (Natalucci). Nessa passagem, são descritas as vigílias e os ofícios da manhã. Desde o primeiro canto do galo, hi-

nos são cantados, salmos são pronunciados etc. Todas as ações são relacionadas com o verbo no tempo presente, mas se referindo a uma ação no passado. Após a descrição de todas as ações dos padres, diáconos etc., a passagem termina por *ac sic fit missa iam luce*, que é, segundo nossa interpretação, uma conclusão, ou seja, o término da cerimônia.

De todo modo, devemos admitir que em certos contextos poder-se-ia mais facilmente aceitar a interpretação de *despedida* ou *renvoi* ('*envio*'), como na passagem 24,11, reproduzida abaixo (7.1), mesmo se para nós se trate sempre da missa:

i.1) 24,11:

Lecto ergo euangelio exit episcopus et ducitur cum ymnis ad Crucem et omnis populus cum illo. Ibi denuo dicitur unus psalmus et fit oratio. Item benedicit fideles et fit missa. Et exeunte episcopo omnes ad manum accedunt. “L'évêque sort; il est conduit avec des hymnes à la Croix et tout le peuple l'accompagne. Là, on dit à nouveau un psaume et on fait une prière. Ensuite il bénit les fidèles et le renvoi a lieu. Quand l'évêque sort, tous s'approchent à portée de sa main” (Tradução de Pierre Maraval).

Mesmo se a eucaristia não é mencionada, trata-se também da 'missa', como no seguinte exemplo (i.2), em que o verbo *celebratur* indica uma cerimônia:

i.2) 42,1:

Alia die autem, id est quinta feria quadragesimarum, celebratur missa ordine suo, ita ut et presbyteri et episcopus predicent dicentes apte diei et loco; et postmodum sera reuertuntur unusquisque in Ierusalima. “Le lendemain, donc le jeudi, quarantième jour, l'office se célèbre de la manière habituelle; les prêtres et l'évêque prêchent de façon appropriée au jour et au lieu. Après quoi, le soir, chacun revient à Jérusalem.” (Tradução de Pierre Maraval).

Na passagem 27,8 abaixo, ao contrário, foi explicitado que a eucaristia realizada na Anástasis, antes do nascer do sol, é chamada *oblatio*, palavra derivada de *offero*, a ação de oferecer, de dar voluntariamente, a oferta do pão e do vinho – elementos do santo sacrifício ofertados aos fiéis, o que significa o sacrifício eucarístico, ou seja, a *oblatio munda*, o sacrifício incruento do Novo Testamento:

i.3) 27, 8:

Missa autem, quae fit sabbato ad Anastase, ante solem fit, hoc est oblatio, ut ea hora, qua incipit sol procedere, et missa in Anastase facta sit. Sic ergo singulae septimanae celebrantur quadragesimarum. “L'office qui a lieu le samedi à l'Anastasis, à savoir l'oblation, se fait avant le lever du soleil, de sorte que le renvoi de l'Anastasis ait eu lieu au moment où le soleil commence sa course C'est ainsi que l'on célèbre chaque semaine du Carême” (Tradução de Pierre Maraval).

Entendemos que a presença da palavra *oblatio* permitiu a Maraval traduzir *missa* por ‘office’, nessa passagem. Na segunda ocorrência, no entanto, cremos que se trata ainda de um ofício, que é a missa. Segundo Hélène Pétré, essa passagem ilustra a modificação de sentido de *missa*, de ‘renvoi’ à ‘messe’.

É possível que os exemplos que citamos não tenham o poder de convencer que a palavra *missa* já significaria ‘missa’ ou ‘cerimônia’, mesmo se estas cerimônias fossem bem variadas na época, como elas podem ser hoje em dia. Todavia, mesmo sendo variadas, elas seguem sempre uma ordem dentro do ritual. Seja como for, isso mostra que podemos ainda discutir sobre a forma de traduzir e interpretar a palavra *missa*, o que constitui um dos problemas concernentes à autenticidade da obra, se imaginarmos que a maior parte das interpretações dadas não são o mesmo que aquilo que Egéria escreveu. Neste momento, com nossa interpretação da palavra *missa*, aplicamos uma das etapas da crítica textual, que é a *emendatio* e, mais precisamente, propomos uma conjectura, que é o resultado do livre-arbítrio do editor-filólogo, como pôs bem em evidência Louis Havet, em sua obra *Manuel de critique verbale appliqué aux textes latins*.

2.2.1.4. hora sexta

A divisão do tempo de um dia, em latim, era feita em 12 horas diurnas e 12 horas noturnas. Considerava-se que a primeira hora do dia começava ao nascer do sol, por volta das 6 horas, com alguma variação entre as estações. Assim, a hora sexta era o meio-dia. As horas noturnas eram as vigílias, em número de 4, cada uma delas com 3 horas.

2.2.1.5. De cancellos

Pomialovsky-Chodoniak acrescentou [*intro*] em 24,3 (*de intro cancellos*), que não aparece no manuscrito, pois na passagem acima (24,2) *intro cancellos* já aparecia. Gamurrini, em sua *editio princeps*, não acrescenta *intro*, mas corrige *cancellos* por *cancellis*, a fim de respeitar a regência da preposição. Gamurrini (1888) não corrige a palavra e a deixa tal qual se encontra no manuscrito. Assim, é incorreta a afirmação corrente que consiste em dizer que Gamurrini, em sua segunda edição (1888), apenas adicionou notas. Na verdade, ele suprimiu ou modificou algumas notas da *editio princeps* e acrescentou outras.

3. *Outros problemas e perspectivas*

Em nossa edição crítica, além de mostrarmos algumas particularidades do texto de Egéria que prefiguram as línguas românicas, pretendemos assinalar as palavras ou particularidades gramaticais que pertencem ao português e ao espanhol, ou, ainda, somente ao português.

Os nomes dos dias da semana *secunda feria* (27,4), *tertia feria* (27,5), *quarta feria* (27,5), *quinta feria* (27,7) e *sexta feria* (27,7), que a tradição eclesiástica conservou, existem apenas na língua portuguesa. A palavra *coturnix* (5,8), empregada por Egéria, pertence ao português e ao espanhol (*codorniz*), mas não às outras línguas românicas. Igualmente a palavra *collum* existe somente nas línguas da Península Ibérica. *In collo* (31,3) foi traduzido por 'sur les épaules' (Maraval) e 'sur le cou' (Pétré), enquanto que em português e em espanhol a tradução é evidente: 'no colo', 'en el cuello'.

O verbo *plicare*, empregado na *Peregrinatio* com o sentido de 'chegar', resultou em português e em espanhol *chegar*, *llegar*, através da expressão *plicare vela* ('dobrar as velas'), que era interpretado como 'chegada', já que os barcos dobravam as velas para chegar à praia: (2,3) *iter sic fuit, ut per medium transversaremus caput ipsius vallis et sic **plecaremus** nos ad montem Dei*.

Do mesmo verbo *plicare* proveio 'partir' em romeno, através de uma outra expressão: *plicare tentoria* 'dobrar as tendas'. Quando os soldados acampados na região da Dácia dobravam as tendas, estavam em vias de partir.

O verbo *subire* resultou em português e em espanhol 'subir', e nesse sentido foi empregado na *Peregrinatio*: 2,6: (...) *cum subissemus in illo*; 3,4: *Cum ergo iubente deo persubissemus in ipsa summitate*; 11,4: *(mons) in asellis possit subiri*.

A palavra *stativa*, tal como em 18,1, *nesesse me fuit ibi facere stativam* derivou, em português, *estadia*.

Encontramos também numerosos empregos de *stare*, onde ele está no lugar de *esse*, tal como o auxiliar *estar* do português, como em 3,8 (...) *de eo loco, ubi **stabamus*** (...).

Há uma infinidade de particularidades e inovações sintáticas que são próprias às línguas românicas, como por exemplo:

- 1) O pronome reflexivo *se*, tal como em 24,12 (...) *recipit **se** epis-*

copus in domum suam (...) laici reuertuntur in domos suas et reponent se dormito;

m) O uso do pronome *suus* substituindo o emprego clássico de *ei-us*, como em 3, 6: *Lecto ergo ipso loco omnia de libro Moysi et facta oblatione ordine suo;*

A presença do pronome reflexivo *suo* mostra uma evolução em direção às línguas românicas, que o usam como correferente do sujeito da frase. Em latim clássico, empregavam-se os genitivos dos pronomes *ipse* ou *is*.

n) O uso de *ecce ista* tal como em 14,2 (...) *ait nobis ipse sanctus presbyter: "ecce ista fundamenta in giro colliculo isto, quae videtis, hae sunt de palatio regis Melchisedech (...)"*, prefigura os demonstrativos das línguas românicas originados da partícula de reforço *ecce* (às vezes *eccu-*) acrescentada a pronomes demonstrativos.

O demonstrativo *iste, ista, istud* com o reforço do antigo advérbio *ecce* (também chamado ‘partícula epidíctica’) resultou em português e em espanhol arcaicos *aqueste*, em catalão *aquest*, em provençal *cest*, em francês antigo (*i*)*cist*, em italiano *questo*, em rético *quaist*, em logudorês *kuste* e em romeno *acest*. Outra partícula de reforço era *eccu-m*, formada pelo mesmo advérbio *ecce* e pelo demonstrativo *hunc*, acusativo de *hic*. Ao lado dessas duas formas, certas línguas românicas (MAURER JR, 1959, p. 110) têm a partícula de reforço **accu*, sobre cuja origem há duas hipóteses: seja pelo cruzamento de *ecce* com *atque* ou simplesmente de *atque*, tal como na ocorrência *Ubi cenamus, inquam? Atque illi abnuut* (PLAUTO, *Captiui*, 481). Em português, *accu + ille, accu + illa, accu + illu(m)* derivaram *aquele, aquela e aquilo; accu + ipse* derivou *aquele* e em português arcaico e *aqueix* em catalão.

Temos, de modo geral, a seguinte distribuição de partículas de reforço de demonstrativos nas línguas românicas: a Ibéria e a Dácia têm **accu* e a Gália do Norte tem o *ecce*. O italiano, o sardo e o rético geralmente não apresentam a vogal inicial, razão pela qual a reconstrução latina torna-se difícil: em italiano há *questo* e *quello*, rético *quaist* e *quel*, logudorês *kuste, kusse* e *kudde*. No entanto, visto que existia no sardo antigo *ekuste*, é possível que *eccu* seja a forma primitiva dessas três línguas.

4. Considerações finais

Esperamos ter alcançado o objetivo a que nos propusemos: apresentar notas que dizem respeito à crítica textual, às dificuldades da escritura beneventana e às diferenças entre os editores, em relação à transcrição e à interpretação de algumas palavras. Esperamos igualmente que tenhamos oferecido uma ideia geral sobre as notas da crítica histórica e literária, que serão publicadas como um anexo da edição crítica, em que as notas filológicas e linguísticas fizeram parte de um estudo distinto.

Temos consciência de que o texto de Egéria já tem sido estudado há mais de um século, através de muitos pontos de vista, dos quais os mais importantes são o religioso, o histórico, o filológico e o linguístico. A breve exposição de nosso trabalho diz pouco sobre uma obra tão rica em tantos aspectos, e que pode ser considerada como um verdadeiro mundo a ser estudado. Por isso, justamente, acreditamos que essa obra continua aberta a novas descobertas.

O fato de a *Peregrinatio* já ter sido e ainda ser muito estudada não representa para nós um motivo de desencorajamento, pois não temos em português tal edição crítica, enriquecida por comentários linguísticos e filológicos. Cremos poder contribuir para o estímulo dos estudos neste domínio, hoje em dia tão pobre e carente do reconhecimento que merece.

Para finalizar, de um modo geral, as línguas clássicas, os estudos históricos e o que se chama filologia românica são cada vez menos estudados em nossos dias. A causa é a diminuição da formação e do ensino das línguas clássicas e dos estudos históricos e comparativos das línguas românicas. Se nossas palavras e nossos esforços forem tomados como um encorajamento ao fascinante estudo do latim e da filologia românica, seremos muito gratos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCE, A. *Itinerario de la virgen Egeria* (381-384). Madrid, 1980.
- BASTIAENSEN, A.A.R. *Observations sur le vocabulaire liturgique dans l'Itinéraire d'Égérie*. Nimegue, 1962.
- DUCHESME, L. *Christian's travels*. London, 1923.
- FRANCESCHINI, E.; WEBER, R. *Itinerarium Egeriae*. In: _____. *Itinera-ria et alia geographica*. Turnhout, 1958 (CCL, 175).

GAMURRINI, G. F. S. *Hilarii, Tractatus de mysteriis et Hymni, et S. Silviae Aquitanae, Peregrinatio ad loca sancta quae inedita ex codice Arretino deprompsit*. Romae, 1887.

_____. *Silviae aquitanae peregrinatio ad loca sancta*. Editio altera, novis curis emendata. Romae, 1888.

GEYER, P. S. *Silviae quae fertur Peregrinatio ad loca sancta. Itineraria Hierosolymitana saec. IIII-VIII*, Vindobonae, 1898, p. 35-101.

HAVET, L. *Règles pour éditions critiques*. Paris, s.d.

_____. *Manuel de critique verbale appliqué aux textes latins*. Paris, 1911.

HERAEUS, W. *Silviae vel potius Aetheriae Peregrinatio ad loca sancta*. In: *Sammlung vulgärlateinischer Texte*, I. Heidelberg, 1908.

JANERAS, S. *Egèria, Peregrinatge*. Barcelona, 1986.

LOEW, E.A. *The beneventan script: a history of the south italian miniscule*. Oxford, 1914.

LÖFSTEDT, E. *Commento filologico alla Peregrinatio Aetheriae: ricerche sulla storia della lingua latina*. Bologna, 2007.

MARAVALL, P. *Égérie, Journal de Voyage*. Paris, 1982 (SC, 296).

MARIANO, A.; NASCIMENTO, A. *Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa no séc. IV*. Lisboa, 1998.

MAURER Jr. T. H. *Gramática do latim vulgar*. São Paulo, 1959.

NATALUCCI, N. *Egeria – Pellegrinaggio in Terra Santa*. Firenze, 1991.

NOVAK, M. *Peregrinação de Etéria. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis, 1971.

PÉTRÉ, H. *Éthérie, Journal de Voyage*. Paris, 1948 (SC, 21).

PRINZ, O. *Itinerarium Egeriae (Peregrinatio Aetheriae)*. Heidelberg, 1960.

SPINA, S. *Introdução à edótica: Crítica textual*. São Paulo, 1994.

VÄÄNÄNEN, V. *Le journal-épître d'Égérie (Itinerarium Egeriae): Étude linguistique*. Helsinki, 1987.